

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO ESPAÇO DE PRÁXIS EDUCATIVA

Eletrissandra Rodrigues Reis¹; Emerson Augusto de Medeiros²

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Educação e Ensino (PPGEEN).
Universidade Estadual do Ceará (UECE). Limoeiro do Norte, Ceará, Brasil.
eletrissandra.reis@aluno.uece.br

² Professor Adjunto da Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA. Docente
Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino -
POSENSINO/UERN/UFERSA/IFRN. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação
em Educação e Ensino (PPGEEN) da UECE. Limoeiro do Norte, Ceará, Brasil.
emerson.medeiros@ufersa.edu.br

Resumo

O presente texto tem como objetivo analisar o estágio supervisionado como espaço de práxis educativa, compreendendo-o como um processo formativo que articula teoria e prática na formação crítica da identidade docente. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, fundamentada em uma pesquisa bibliográfica, construída a partir dos estudos de Freire (2011; 2024; 2025), Caldart (2023), Pimenta e Lima (2017), Araújo e Martins (2020), entre outros. A análise evidencia a práxis educativa como possibilidade de emancipação humana e transformação social e, nesse sentido, o Estágio Supervisionado, quando concebido para além de uma perspectiva tecnicista, constitui-se como espaço privilegiado de práxis educativa, possibilitando a leitura crítica da realidade escolar e a construção de intervenções pedagógicas conscientes e transformadoras. Constatamos que a articulação entre teoria e prática fortalece uma formação docente crítica, reflexiva e socialmente comprometida.

Palavras-chave: Práxis Educativa. Estágio Supervisionado. Educação crítica.

Introdução

Compreende-se a educação como prática social e política, que expressa as contradições do tempo histórico, que não se limita a um processo neutro de transmissão de conhecimentos, mas se constitui como uma prática social historicamente situada, entrelaçada nas relações de poder, nos conflitos de classe, nas disputas ideológicas e nos projetos de sociedade situados em determinado período.

No que se relaciona a práxis, compreendemos como unidade dialética entre ação e reflexão, orientada para a transformação da realidade. Nessa perspectiva, a práxis implica um movimento contínuo e dinâmico em que o sujeito, ao agir sobre o mundo, também o interpreta,

ressignifica e transforma, ao mesmo tempo em que se transforma. Nesse processo, teoria e prática se constituem mutuamente em uma relação de interdependência.

Consequentemente, pensar as tarefas educativas da escola, requer compreender historicamente o papel da educação na sociedade e a formação do professor, preparado para contribuir com a construção de saberes socialmente relevantes, consiste em articular as experiências e os conhecimentos produzidos nas condições sociais e culturais da vida e do trabalho dos educandos com os conhecimentos historicamente elaborados pela humanidade. Esse desafio assume lugar central em uma proposta formativa comprometida com a transformação social.

As reflexões aqui propostas, surgem a partir das inquietações: como os conceitos de Educação, de Práxis, de Formação da identidade docente, fundamentados na perspectiva da educação crítica, se articulam no Estágio Supervisionado e de que modo essa articulação contribui para o fortalecimento de uma formação docente crítica, reflexiva e socialmente comprometida?

Do ponto de vista metodológico a pesquisa está vinculada à abordagem qualitativa, que conforme Bogdan e Biklen (1994), se adequa ao entendimento da natureza dos fenômenos sociais, pois favorece as conexões com o contexto a ser investigado e oferece uma compreensão esclarecedora do objeto de estudo. A investigação qualitativa em educação assume muitas formas e tem sido conduzida em múltiplos contextos.

Utilizamos a pesquisa bibliográfica, definida por Gil (2008, p.50), como aquela que é realizada “[...] a partir de material já elaborado, construído principalmente de livros e artigos científicos”. Para tanto, buscamos obras que tratam da temática abordada, construída a partir dos estudos de Freire (2011; 2024; 2025), Caldart (2023), Pimenta e Lima (2017), Araújo e Martins (2020), entre outros. Tais autores enfatizam a práxis pedagógica, a formação crítica e o compromisso social da docência e a articulação entre teoria e prática.

Para alcançar o objetivo proposto, ou seja, analisar o estágio supervisionado como espaço de práxis educativa, compreendendo-o como um processo formativo que articula teoria e prática na formação crítica da identidade docente, o artigo foi organizado em três seções: na primeira apresentamos brevemente, na introdução, a construção do problema investigativo que originou a presente pesquisa, enfocando também o processo metodológico utilizado. Em seguida, discutimos, os conceitos de Educação, Práxis e como esses conceitos são articulados ao Estágio Supervisionado. Na terceira seção, apresentamos as conclusões, considerando a análise bibliográfica desenvolvida, a respeito das categorias Educação e Práxis e como estas se

constituem como fundamentos essenciais para a compreensão do Estágio Supervisionado como espaço formativo crítico.

Desenvolvimento

A educação é uma prática social e política produzida no interior de uma realidade concreta, atravessada por interesses diversos e, muitas vezes, antagônicos. “É um processo de emancipação política; prática da liberdade; democratização do acesso aos bens culturais e coletivamente produzidos e para além da reprodução ideológica” (Araújo e Martins, 2020, p.194). Nessa perspectiva, a escola, o currículo, as metodologias de ensino e as políticas educacionais não são construções dissociadas, mas representam escolhas que privilegiam determinadas visões de mundo, valores e formas de organização social.

Essas reflexões se amparam nas ideias de Paulo Freire (2024; 2025) para quem a educação pode tanto reproduzir estruturas de dominação, quanto contribuir para processos de emancipação. Assim, ela pode funcionar como instrumento de manutenção das desigualdades sociais, quando reforça hierarquias, silencia vozes e naturaliza injustiças, ou como prática transformadora, ao promover a consciência crítica dos sujeitos sobre sua realidade. O que se ensina, como se ensina e para quem se ensina são questões que revelam projetos políticos mais amplos.

Portanto, pensar a educação como prática social e política significa reconhecer seu caráter dinâmico e contraditório, que não apenas reflete a sociedade, mas também participa ativamente de sua (re)construção, podendo contribuir tanto para a reprodução quanto para a transformação das condições sociais existentes.

Breve Compreensão de Práxis Educativa

A práxis pode ser compreendida como uma atividade intencional, ética e política, orientada por valores e por um projeto de sociedade. Trata-se de uma ação crítica, fundamentada e comprometida com a transformação das condições concretas de existência, sobretudo aquelas marcadas por desigualdades e injustiças.

A dimensão dialética da práxis pressupõe a existência de contradições sociais, culturais, econômicas, que leva o sujeito a produzir conhecimento e desenvolver novas formas de agir. Assim, a práxis não é um processo linear, mas um movimento marcado por tensões, avanços, recuos e reconstruções permanentes.

Partimos do entendimento descrito por Freire (2025), de que o homem é um ser de relações que não apenas está no mundo, mas com o mundo, necessitando de uma educação que leve a uma nova postura diante dos problemas da sociedade, de uma educação que possibilite ao homem a discussão corajosa de sua problemática.

As concepções freireanas que atravessam os ideais dos teóricos que discutem sobre a educação, nos leva a pensar uma práxis educativa como possibilidade de emancipação humana e transformação social. Nesse sentido, a práxis educativa deve estar pautada na reflexão crítica, no diálogo, em uma educação como prática da mudança e liberdade, que ultrapasse uma formação conteudista e priorize uma formação humana, pautada em valores morais e éticos. A compreensão da práxis educativa nos permite refletir sobre o contexto educacional que estamos vivendo e as práticas de formação de professores.

Na perspectiva da educação crítica, a educação é entendida como uma prática social que, segundo Caldart (2023, p. 24):

é uma práxis que direciona a formação humana para determinadas finalidades e em determinado tempo histórico em que essa formação se realiza. É menor do que a totalidade da formação humana e é maior do que a escola. Pode se realizar em diferentes lugares e tempos formativos, sendo demarcada pela intencionalidade dada a processos formativos.

Para a autora, a formação humana é mais ampla que a educação escolar, podendo acontecer em diversos espaços, nas experiências de vida, nas relações de trabalho e nas práticas sociais que formam o ser humano como sujeito histórico. Assim, a educação constitui-se como práxis, ou seja, a união entre ação e reflexão, teoria e prática. (Freire, 2011). O autor ainda reforça que a práxis é o movimento no qual os sujeitos se constituem historicamente ao intervir no mundo de forma crítica e consciente.

Dessa forma, a prática educativa não se reduz à aplicação de métodos, mas se constrói como ação refletida, intencional e comprometida com a transformação social, constituindo-se como fundamento de uma prática pedagógica crítica, emancipadora e socialmente comprometida.

O Estágio Supervisionado como Práxis

Pensar a formação de professores é algo que exige intensas reflexões, atitudes e decisões que possam contribuir para a renovação das práticas sociais. A formação dos professores não deve estar fundamentada na racionalidade técnica que, muitas vezes, considera os professores

como meros executores de ações pré-estabelecidas, mas, ao contrário, deve ser compreendida e construída como um processo que os reconhece como sujeitos capazes de decidir, construir e transformar.

A formação docente é um processo em constante construção, a partir da qual deve alcançar cada vez mais êxito à medida que essa formação auxilia os professores na construção da práxis, partindo da leitura crítica da realidade, de modo a transformá-la. A educação e a formação dos professores são processos sociais e, por isso, práxis emancipatória, que se caracterizam por sua intencionalidade transformadora e por seu compromisso ético-político com a justiça social (Araújo e Martins, 2020). Elas partem do reconhecimento de que a realidade social é marcada por desigualdades estruturais, de classe, raça, gênero, cultura, entre outros, e que tais desigualdades não são naturais, mas historicamente construídas e, portanto, passíveis de transformação.

No campo educacional, as práxis emancipatórias se materializam em práticas pedagógicas que rompem com modelos autoritários, que favorecem o diálogo, a escuta, a problematização da realidade e a construção coletiva do conhecimento. Assim, educadores e educandos se constituem como sujeitos históricos que, ao aprenderem juntos, também se tornam capazes de intervir criticamente no mundo (Araújo e Martins, 2020).

Educação como práxis emancipadora exige, necessariamente, uma formação docente que crie, recrie, transforme e encontre caminhos para corresponder às necessidades e desafios postos à docência na contemporaneidade. Entre eles, assegurar a todos o direito a uma educação pública e com qualidade técnico-científica e pedagógica (Araújo e Martins, 2020, p. 200).

Nesse contexto, a práxis educativa, entendida como ação refletida e intencional de diálogo, escuta, voltada à transformação da realidade, encontra no estágio supervisionado seu campo privilegiado de realização. Isso ocorre porque o estágio não deve ser concebido apenas como um momento de aplicação técnica de conhecimentos previamente adquiridos, mas como um espaço de problematização, investigação e reconstrução do saber pedagógico.

O estágio supervisionado, enquanto disciplina obrigatória nos cursos de licenciaturas, deve ser apresentado como uma possibilidade de levar os alunos a conhecerem, entenderem e vivenciarem a realidade da educação básica. É um processo formativo, que assume papel central por possibilitar a aproximação entre os conhecimentos construídos na universidade e a realidade concreta das instituições escolares. Entretanto, em muitos contextos, essa experiência ainda é compreendida de forma restrita ao cumprimento de exigências curriculares, o que limita seu potencial formativo e crítico.

A questão do estágio como práxis, instrumento de intervenção pedagógica e ação reflexiva emancipatória, é de fundamental importância para os cursos de licenciatura, pois representa um desafio para o estágio se constituir como eixo de ligação entre as Instituições de Ensino Superior (IES) e as escolas de Educação Básica e, acima de tudo, como práxis que contribui com a formação dos estudantes das licenciaturas.

O estágio como práxis exige ser construído como uma ação pedagógica que tem por finalidade promover a formação dos professores dos cursos de licenciatura e, por isso, contribuir para a aprendizagem dos alunos das escolas básicas, proporcionando a transformação do agir em sala de aula.

Tendo como pressuposto a superação da dicotomia teoria e prática, torna-se condição fundamental para a formação docente crítica. Nessa perspectiva, o Estágio Supervisionado ultrapassa a função de simples componente curricular e se consolida como espaço privilegiado de práxis educativa. Ao inserir-se no cotidiano escolar, o licenciando é instigado a observar, problematizar, analisar e intervir na realidade, articulando os referenciais teóricos da formação acadêmica com as práticas concretas vivenciadas na escola.

Partindo dessas ideias, surgem algumas indagações: que tipo de formação o estágio deve proporcionar aos estudantes das licenciaturas? Que prática docente os estudantes devem construir para terem uma formação crítica e construtiva?

Pimenta e Lima (2017), apresentam o estágio como um processo que busca formar um profissional da educação que deve assumir os diversos encargos sociais da profissão; desenvolver a consciência inerente à responsabilidade dos profissionais da educação com a transformação da sociedade e com o fortalecimento, cuidado e resgate da dignidade e da qualidade de vida de todos os indivíduos.

E ainda como apontam outros artigos estudados, o estágio representa

um rico espaço de construção das identidades e dos saberes docentes, propicia a indissociabilidade entre teoria e prática e a reflexão sobre as práticas pedagógicas e sua relação com o ato de planejar, provoca a constituição de sentidos em relação à profissão e possibilita a definição de escolhas sobre ser ou não ser professor ou professora, pela oportunidade de mover-se dentro dos contextos escolares, com alunos e equipes profissionais (Paula, 2020, p. 14).

A autora também aponta a reflexão sobre o estágio ser um espaço de verificação de como as políticas para a educação e formação de professores(as) impactam na organização e

no funcionamento dos sistemas de ensino, nas concepções que educadoras e educadores têm sobre educação e nas práticas pedagógicas.

Assim, “o estágio é um instrumento político não somente para inserção dos estudantes no contexto escolar, mas, sobretudo, de responsabilidades compartilhadas; do exercício da ação-reflexão, reflexão-ação, ação-reflexão-ação” (Araújo e Martins, 2020, p. 195) que surge através do trabalho existente entre universidade, redes públicas de Educação Básica e o contexto social existente.

Nesse sentido, considerar o estágio como espaço formativo requer condições e integração entre a universidade e a escola, garantindo que o futuro docente tenha acesso a experiências diversificadas, sendo acompanhado por orientadores da universidade e professores da escola, que proporcione momentos de diálogo e reflexão crítica sobre a prática vivenciada.

Essa articulação entre os conhecimentos teóricos e a prática vivenciada, é fundamental para a consolidação dos conhecimentos acadêmicos, pois, ao assimilar a dimensão crítica e reflexiva no estágio, este se transforma em um espaço de experimentação, reflexão, (re)construção de saberes e fortalecimento da identidade profissional, preparando o futuro educador para uma atuação consciente, crítica e socialmente comprometida com a realidade na qual está inserido.

É necessário estabelecer uma produção do conhecimento, que relacione teoria e prática, docência e pesquisa, fundamentadas em “princípios da pedagogia dialética e nas posturas críticas e reflexivas, em que a teoria ilumina a prática e a prática ressignifica a teoria, em contexto histórico e condições objetivas de realização” (Lima, 2009, p. 45).

É importante apresentar aqui, a contribuição de Pimenta e Lima (2017) quando as mesmas elucidam o encontro entre a teoria e a prática em situação de estágio. Segundo as autoras, isto ocorre quando o professor no:

Espaço do estágio tem a possibilidade de se reconhecer como sujeito que não apenas reproduz o conhecimento, mas também pode tornar-se seu próprio trabalho de sala de aula em um espaço de práxis docente e de transformação humana. É na ação refletida e no redimensionamento de sua prática que o professor pode ser agente de mudanças na escola e na sociedade. (Pimenta e Lima, 2017, p. 132)

Portanto, o estágio é uma oportunidade que aproxima o aprendiz em formação com a realidade do sistema educacional. O estágio proporciona ao aluno, o aprender a ensinar, se

relacionar, construir um saber pessoal, bem como, aprender a "ser professor", num processo contínuo, em toda sua vida profissional, não se configurando apenas como parte do currículo, mas como parte de um processo da construção de uma atitude crítica diante da realidade educacional, sendo um momento marcante e decisivo na sua formação inicial.

O estágio considerado nessa percepção, possibilita aos alunos de licenciatura um diálogo com a escola e com os sujeitos que fazem parte da mesma, construindo o seu "conhecimento de modo indissociável da realidade social através da reflexão, da troca de experiências e interferindo, de algum modo, nesta mesma realidade. Nesse sentido, estagiar é se inserir no contexto escolar em uma perspectiva crítica-reflexiva" (Ribeiro e Araújo, 2017, p. 1.723), ou seja, seria a *práxis*, entendida como uma atividade transformadora, consciente e intencionalmente realizada.

Essas concepções permitem compreender o Estágio Supervisionado como espaço de *práxis* educativa, no qual se articulam reflexão teórica, análise crítica da realidade e intervenção pedagógica consciente, sendo o estágio, por sua natureza político-pedagógica, um processo contínuo de aprendizado e construção de conhecimentos. Desse modo, ao assumir o estágio como eixo fundamental, os cursos de licenciatura contribuem para a formação de professores capazes de articular conhecimento, reflexão e ação, consolidando uma *práxis* educativa comprometida com a transformação social e com a qualidade da educação.

Conclusões

A análise evidencia que as categorias Educação e *Práxis* constituem fundamentos essenciais para a compreensão do Estágio Supervisionado como espaço formativo crítico. Quando orientado por uma perspectiva emancipatória, o estágio ultrapassa concepções tecnicistas e se consolida como espaço de produção de conhecimento, reflexão crítica e intervenção pedagógica consciente.

Constata-se a importância da relação teoria e prática durante o estágio supervisionado, que fortalece a formação do educador de forma crítica, reflexiva e comprometida com as mudanças sociais, visto que, a teoria permite que a prática seja transformada, proporcionando a compreensão dos contextos relacionados ao processo formativo.

A análise evidencia a *práxis* educativa como possibilidade de emancipação humana e transformação social, e nesse sentido, o Estágio Supervisionado, quando concebido para além de uma perspectiva tecnicista, constitui-se como espaço privilegiado de *práxis* educativa, possibilitando a leitura crítica da realidade escolar e a construção de intervenções pedagógicas

conscientes e transformadoras. A articulação entre teoria e prática fortalece uma formação docente crítica, reflexiva e socialmente comprometida.

Educação como práxis emancipadora exige uma formação docente que transforme e encontre caminhos para corresponder às necessidades e desafios postos à docência. Entre esses desafios estão, assegurar a todos o direito a uma educação pública e com qualidade. O estágio, nesta perspectiva, deve ser instrumento de ensino, pesquisa, ação/transformação e construção de uma sociedade mais humana, solidária e responsável pelo bem comum.

Faz-se necessário que os cursos de licenciatura assumam o estágio como eixo estruturante da formação docente, compreendendo-o não como um momento isolado ou meramente instrumental, mas como um espaço-tempo formativo privilegiado, no qual teoria e prática se articulam de modo dialético, garantindo condições pedagógicas que favoreçam a reflexão crítica e a intervenção consciente na realidade escolar, pois o estágio é um processo contínuo de aprendizagem.

O estágio, nesse sentido acontece na troca e partilha de conhecimentos entre a Universidade e a Escola Básica, fortalecido com interações, participações ativas, reflexões e, sobretudo (trans)formação, não só do processo de ensino e aprendizagem, mas também da identidade do futuro profissional. O estágio supervisionado é fator determinante nessa relação à medida que o estudante transita por essas duas instituições e, dependendo da articulação e organização existente, poderá ser uma experiência significativa e formativa.

Portanto, o estágio supervisionado deve ser concebido como um campo de produção de conhecimento, em que o licenciando, ao se inserir na realidade escolar, é instigado a problematizar, investigar e ressignificar suas experiências baseadas em referenciais teóricos críticos adquiridos no seu processo formativo.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Osmar Hélio Alves; MARTINS, Elcimar Simão. Estágio curricular supervisionado como práxis: algumas perguntas e possíveis de respostas. **Reflexão e Ação**, v. 28, n. 1, pág. 191-203, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/7225/722579566008.pdf>. Acesso: 27 mar. 2026.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

CALDART, Roseli. Salette. (Org.). **Sobre as tarefas educativas da escola e a atualidade**. 392 p. São Paulo: Expressão Popular. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 22 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 90 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2024.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 59. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIMA, Maria do Socorro Lucena. O estágio nos cursos de licenciatura e a metáfora da árvore. **Revista eletrônica pesquiseduca**, v. 1, n. 01, p. 45-48, 2009. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/44>. Acesso: 27 mar. 2026.

PAULA, Lucimara Cristina de. A epistemologia de Paulo Freire na formação de pedagogas (os) durante os Estágios Curriculares Supervisionados. **Praxis educativa**, v. 15, 2020. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=1809-4309&lng=pt&nrm=iso. Acesso: 27 mar. 2026.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência.** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

RIBEIRO, Luis Távora Furtado; ARAÚJO, Osmar Hélio Alves. O estágio supervisionado: fios, desafios, movimentos e possibilidades de formação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. 1721-1735, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/10280>. Acesso: 27 mar. 2026.

